

ESTADO DE GOIÁS
POLÍCIA MILITAR
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
DIVISÃO DE ENSINO

Métodos de Ensino - Uma Visão Crítica

Oficial-Aluno: Francisco Antônio Santiago Lopes

MONOGRAFIA CTE .94

Goiânia, GO / 1994

BAPM

1º Ten PMBA FRANCISCO KERJEAN SAMPAIO LOPES

MÉTODOS DE ENSINO - UMA VISÃO CRÍTICA

Trabalho técnico-profissional apresentado como exigência parcial para conclusão do Curso de Técnica de Ensino, realizado na Academia de Polícia Militar do Estado de Goiás.

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS

GOIÂNIA - 1994

AGRADECIMENTOS

Aos Comandos das Polícias Militares da Bahia e de Goiás, pelo apoio e oportunidade que nos proporcionaram ao nos indicar para a realização do Curso de Técnica de Ensino.

À Academia de Polícia Militar do Estado de Goiás, pelos conhecimentos transmitidos, basilares à nossa especialização profissional superior.

A Sandra Cedraz Lopes, minha esposa, pela confiança, entusiasmo, incentivo e incessante dedicação, apesar da distância.

Ao Sr Cap PMBA Silvio Luis Anjos de Melo, pelo apoio e permanente orientação.

Aos companheiros e amigos do CTE/94, pela compreensão, presença e companheirismo.

Aos Professores e Oficiais Instrutores do Corpo Docente da APM, pelos ensinamentos, estímulo e apoio prestado.

E finalmente, ao chegarmos ao fim de mais uma jornada, voltamos nossos pensamentos àqueles que nos ensinaram um pouco da vida e foram os artífices de todas as nossas mais expressivas conquistas - Meus Pais.

"Não existe um só método que tenha dado o mesmo resultado com todos os alunos...

O ensino torna-se mais eficaz quando o professor conhece a natureza das diferenças entre seus alunos".

Wilbert J. Mekeachie

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO I	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
CAPÍTULO II	
A INDIVIDUALIZAÇÃO DO ENSINO	11
CAPÍTULO III	
A SOCIALIZAÇÃO DO ENSINO	15
CAPÍTULO IV	
MÉTODOS INDIVIDUALIZANTES E MÉTODOS SOCIALIZANTES	18
4.1. Principais Métodos Individualizantes.....	18
4.1.1. A Aula Expositiva ou Método Expositivo	18
4.1.2. Demonstração	21
4.1.3. Estudo de Caso	23
4.1.4. Estudo Dirigido	25
4.1.5. Fichas Didáticas ou Fichas de Estudo	27
4.1.6. A Instrução Programada	29
4.1.7. Módulo Instrucional de Ensino	31
4.2. Principais Métodos Socializantes	35
4.2.1. A Discussão	35
4.2.2. O Debate	37
4.2.3. O Painel	38
4.2.4. Phillips 66	40

CAPÍTULO V

PERFIL DO CORPO DOCENTE DA APM E DOS MÉTODOS DE ENSINO UTILIZADOS POR ESTE	43
5.1. Metodologia	43
5.1.1. Tipo de Pesquisa	43
5.1.2. Método Utilizado	44
5.1.3. População	44
5.1.4. Amostragem	45
5.1.5. Delimitação do Campo da Pesquisa	45
5.1.6. Instrumento	45
5.1.7. Tratamento dos Dados	46
5.1.8. Apresentação, Descrição e Análise dos Dados	46

CAPÍTULO VI

CONCLUSÃO	52
-----------------	----

BIBLIOGRAFIA	55
--------------------	----

ANEXO A - Gráficos.

ANEXO B - Questionário utilizado.

ANEXO C - Glossário de siglas e abreviaturas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho vincula-se fundamentalmente em decorrência de uma prescrição pedagógica regulamentar, como requisito obrigatório para a diplomação no Curso de Técnica de Ensino, aliada ao interesse motivacional pessoal em realizar um estudo sobre **métodos de ensino**.

O que se busca neste trabalho é colher definições apropriadas de métodos de ensino, sua caracterização, a difícil tarefa do educador em promover a escolha de cada método para determinada classe e aula, a visão global de individualização e socialização do ensino, a explicitação dos principais métodos de ensino, e ainda, uma análise do perfil do corpo docente da Academia de Polícia Militar.

Esperamos que este trabalho na Polícia Militar do Estado de Goiás, não seja apenas o primeiro e único, mas sim, que sirva de incentivo para eliminação do estigma de que "fala-se muito sobre o ensino na PM, escreve-se pouco sobre a Instituição e pesquisa-se menos ainda", atingindo-se o sonhado, mas não impossível, patamar de que "fala-se pouco sobre o ensino na PM, escreve-se muito sobre a Instituição e pesquisa-se mais ainda...".

Para a concepção e elaboração deste trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica no campo da sociologia, psicologia, relações humanas, história, entre outras, e principalmente no da educação, que se revelou um suporte de grande importância para o trabalho, principalmente a nível de embasamento teórico. Procedemos, ainda, uma pesquisa de campo junto aos professores e instrutores da APM, o que permitiu um verdadeiro levantamento do perfil destes, bem como, quais os métodos que são utilizados por eles no dia-a-dia da atividade de docência na APM.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira:

O **Capítulo I** trata da **Fundamentação Teórica** do trabalho, onde é definido de várias maneiras o que venha a ser método de ensino, iniciando com esta definição, passando pela caracterização, até chegar ao difícil e importante aspecto da escolha e organização do método de ensino.

Nos **Capítulos II e III**, tratamos de fazer uma análise da **Individualização do Ensino** e da **Socialização do Ensino**, respectivamente, pois constituem as maneiras pelas quais podemos classificar os métodos de ensino.

No **Capítulo IV**, para uma melhor entendimento do tema abordado, apresentamos os **Principais Métodos Individualizantes e Socializantes**, ou seja, suas definições, objetivos, desenvolvimento, vantagens, desvantagens, precauções e algumas considerações críticas.

O **Perfil do Corpo Docente da APM**, abordado no **Capítulo V**, consistiu na tentativa de apresentar quais os métodos de ensino que estão sendo utilizados pelos professores e instrutores nos diversos cursos da APM, e quais os aspectos motivadores que influenciam na escolha destes métodos para este Corpo Docente.

No **Capítulo VI**, apresentamos a **Conclusão** da pesquisa e algumas tendências referentes aos fenômenos estudados.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos. Estes, pelo estudo das disciplinas, sob a mediação do professor, vão atingindo progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais. A mediação eficaz desse processo depende do trabalho sistematizado do professor que, tanto no planejamento como no desenvolvimento das aulas, conjuga objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas do ensino. Já que falamos de métodos, observa-se que a palavra método vem do latim **methodus** que, por sua vez, tem origem do grego, das palavras **meta** (meta=meta) e **hodos** (hodos=caminho). Logo, método quer dizer caminho para se chegar a determinado lugar, ou ainda, caminho para algo, uma ação encaminhada a um fim, um meio para conseguir um objetivo determinado.

Didaticamente, método de ensino quer dizer caminho para se alcançarem os objetivos estipulados em um planejamento de ensino, ou segundo **Turra**: "São ações, processos ou comportamentos

planejados pelo professor, para colocar o aluno em contato direto com as coisas, fatos ou fenômenos que o possibilitem modificar sua conduta, em função dos objetivos previstos". 1

Em resumo, podemos dizer que métodos de ensino são as ações mediadoras do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir objetivos do trabalho docente em relação a um conteúdo específico. Eles regulam as formas de interação entre ensino e aprendizagem, entre o professor e os alunos, cujo resultado é a assimilação consciente dos conhecimentos e o desenvolvimento das capacidades cognitivas e operativas dos alunos.

A escolha e organização dos métodos de ensino devem corresponder à necessária unidade objetivos-conteúdo-métodos e formas de organização do ensino e às condições concretas das situações didáticas. Em primeiro lugar, os métodos de ensino dependem dos objetivos imediatos da aula: introdução de matéria nova, explicação de conceitos, desenvolvimento de habilidades, consolidação de conhecimentos, etc. Ao mesmo tempo, dependem de objetivos gerais da educação previstos nos planos de ensino da escola.

Em segundo lugar, a escolha e organização dos métodos de ensino dependem dos conteúdos específicos e dos métodos peculiares de cada disciplina e dos métodos da sua assimilação. Há uma relação mútua entre os métodos gerais do ensino - comuns e fundamentais a todas as disciplinas - e os métodos específicos de cada uma. Não há método único de ensino, mas uma variedade de métodos cuja escolha depende dos conteúdos da disciplina, das situações didáticas específicas e das características sócio-culturais e, ainda, do desenvolvimento mental de cada aluno. A escolha dos métodos mais apropriados depende, pois, por parte do

1 Clódia Maria Godoy TURRA et alii, Planejamento de Ensino e Avaliação, p. 126.

professor, tanto do domínio dos princípios e leis do processo de ensino aplicáveis a todas as disciplinas, quanto ao domínio dos conteúdos e métodos de cada uma.

Em terceiro lugar, em estreita relação com as condições anteriores, a escolha dos métodos implica o conhecimento das características dos alunos quanto à capacidade de assimilação conforme idade e nível de desenvolvimento mental e físico e quanto às suas características sócio-culturais e individuais. Nenhum ensino pode ser bem sucedido se não partir das condições prévias dos alunos para enfrentar conhecimento novos. É, portanto, indispensável investigar a situação individual e social do grupo de alunos, os conhecimentos e experiências que eles já trazem; é como diz a Mestre em Educação do Estado de Goiás - **Profª Terezi-
nha de Pádua**: " O ponto de partida do educador consiste em saber em que nível se encontra a turma, ou seja, o delineamento do perfil da turma".

Em resumo, a escolha do método é influenciada pela matéria a ser ensinada, pela maneira como o professor considera os alunos, pelos objetivos a serem alcançados e pelo tempo disponível.

Os métodos de ensino sempre revelam uma determinada posição ideológica, filosófica, psicológica, sociológica ou científica. Ao organizar o ensino, o professor irá se utilizar de recursos que permitam uma maior ou menor participação do aluno, sem perder de vista o fim proposto e, de acordo com o modo de mediação, orientará o aluno em termos de valores, desenvolvimento de potencialidades, convívio com o semelhante e conhecimentos específicos e é partindo desta premissa que podemos classificar métodos de ensino como adiante se observa.

CAPÍTULO II

A INDIVIDUALIZAÇÃO DO ENSINO

A essência da individualização do ensino é o atendimento das diferenças individuais, é a atuação do professor junto a cada educando, é a adequação do conteúdo da aprendizagem e do método didático aos interesses, ao nível da maturidade, à capacidade intelectual, às habilidades específicas, às necessidades psicológicas de cada aluno, individualmente considerado. A individualização do ensino retrata a preocupação com o educando em si, e não com a classe como um todo, onde o aluno é apenas um elemento de um grupo. O ensino individualizado muito deve ao pensamento de **Rousseau**, veiculado no **Emílio**(1762), e a palavra híbrida paidocentrismo, cunhada por **Stanley Hall**(1844-1924), assinala a importância que se deve dar ao aluno, tornando-o centro da atividade educativa.

Estas tendências justificam atribuir-se grande valor a todos os ensaios de individualização, nos quais por meio de uma ou de outra forma, se visa ministrar ensino sob medida, isto é,

correspondendo aos interesses, às preferências, às aptidões gerais e específicas de cada estudante.

Se, de um lado, é perfeitamente válida tal posição, uma vez que a aprendizagem é incontestavelmente um processo individual, ela não deve ser aceita com fanatismo, excluindo-se do panorama educacional outras diretrizes. Vários educadores já observaram os efeitos negativos das primeiras tentativas de individualizar o ensino por meio de classes homogêneas. Aqueles, que são incluídos em classe especiais, para alunos de aprendizagem lenta, ficam estigmatizados; e os pertencentes às turmas de bem dotados apresentam posteriormente problemas de ajustamento social.

Outra restrição que se pode fazer a alguns métodos do ensino individualizado é a de que se pautam no conteúdo de uma única disciplina. A correlação de disciplinas, a fusão de algumas áreas do currículo, a integração curricular dificilmente podem ser consideradas.

Em contrapartida, a individualização atende "in totum" aos princípios do ativismo do ensino. Nele o aluno não pode fingir que presta atenção, ele não pode dar apenas a presença física à escola, ele não pode participar parcialmente da atividade em que está engajado(o que é possível, em certa medida, no trabalho em grupo), pois ele é constantemente avaliado.

Se o ensino individualizante respeita a liberdade do aluno, somente a respeita na medida em que ela é acompanhada de responsabilidade.

A eficiência do ensino individualizado não é um fato absoluto. Depende de como ele é orientado e de que forma o aluno a ele reage. É necessário que o rendimento obtido venha a compensar os gastos em tempo e em material, os quais são mais elevados do que os necessários ao ensino coletivo.

A individualização do ensino permite utilizar meios didáticos bem ajustados à aprendizagem visada e à natureza da disciplina, devendo-se ainda, e principalmente, selecionar tais meios em função das características da personalidade do aluno. Já com referência à potencialidade do professor para ministrar um ensino atualizado, e voltado para a realidade física e social que circunda o aluno, nada há predeterminado. Isto irá depender da escolha e da programação dos conteúdos, as quais podem ou não seguir tal orientação.

Um aspecto, porém, que apenas eventualmente será atendido no sistema individualizante, é o da socialização do aluno. Na maioria das vezes, este trabalha isoladamente, e seus contatos com os colegas se efetivam em situações outras que não as de ensino-aprendizagem. Resta-lhe o convívio com o professor, quando a interação professor-aluno se impõe, nas fases da estimulação, orientação e controle da aprendizagem.

Com referência aos princípios e às leis da aprendizagem, verifica-se que o ensino individualizado favorece a incentivação específica de cada aluno, tornando possível ao professor atingir os interesses e motivos mais pessoais de cada aluno. Propicia, ainda, o atendimento das diferenças individuais quanto ao tipo e grau de inteligência do aluno, e quanto ao seu nível de maturidade biopsicológica e social, uma vez que se trata do ensino sob medida. A lei do efeito ou o princípio do reforço são altamente considerados, quando o aluno é imediatamente informado dos resultados que alcançou.

Os principais métodos individualizantes são:

- Aula expositiva;
- Demonstração;
- Estudo de caso;
- Estudo dirigido;

- Fichas didáticas:
- Instrução programada:
- Módulo instrucional de ensino.

CAPÍTULO III

A SOCIALIZAÇÃO DO ENSINO

Que a aprendizagem seja um processo essencialmente pessoal, não há educador que o negue. Todavia, ela pode se efetivar em grupo, dando origem ao ensino socializado. Aqui, ao invés de se procurar atender às diferenças individuais, como ocorre nas formas individualizantes de ensino, procura-se tirar partido da interação mental e social, inerente às situações em que duas ou mais pessoas estão em contato social, e agem em função de um fim comum. Esta idéia de grupo social, como o conjunto de duas ou mais pessoas, em interação, unidas por um consenso, é clássica no campo das ciências humanas.

O estudo de grupo social tem sido feito sobretudo pelos psicólogos sociais, a partir do fim da década de 30. Inspirados na psicologia de Gestalt e na teoria topológica de Kurt Lewin, criaram um ramo novo, conhecido por dinâmica de grupo, o qual analisa a natureza dos grupos, as inter-relações de seus membros, as alterações que se processam em seu âmago, geradas por

forças internas e externas. Posteriormente, os educadores descobriram que este assunto também era relevante para a pedagogia. Por isso que atualmente notamos nos diversos cursos de formação e aperfeiçoamento de professores, o aparecimento da disciplina dinâmica de grupo, a fim de propiciar conhecimentos teóricos e práticos nesta área. Portanto, o grupo representa uma amostra da sociedade, e é através dele que o aluno deverá se preparar para viver coletivamente, contribuindo com suas experiências e se beneficiando com as de seus colegas.

É vivenciando situações de vida com o grupo que o aluno estará se preparando para uma conduta social adequada; é ainda através de um interagir com seus semelhantes que estará formando uma consciência democrática, adquirindo uma visão "libertadora", reforçando a auto-estima.

O ambiente social favorecerá aprendizagens altamente significativas e variadas, tanto do ponto de vista individual como grupal.

Podemos enumerar as seguintes vantagens do ensino socializado, quando bem planejado e bem mediado:

- É altamente educativo;
- Promove a socialização do aluno, ajudando-o a estruturar atitudes de bom convívio social;
- Leva o aluno a trabalhar em grupo, combatendo o excesso de individualismo;
- Enriquece a experiência do aluno, porque o põe em contato com diferentes pontos de vista;
- Tem grande poder motivador, visto dar margem à auto realização dentro do grupo e solicitar vivamente participação ativa;
- Favorece a criatividade, mediante a estimulação intensa, decorrente da situação interativa;
- Liberta o aluno de preconceitos e de estereótipos, uma vez que

- opiniões são confrontadas e analisadas criticamente:
- Promove a solidariedade e o entendimento recíproco, combatendo o egocentrismo e facilitando a empatia;
 - Fornece excelente treino de comunicação, especialmente em seu aspecto verbal.

Apesar de todas essas vantagens, não convém que o trabalho escolar seja sempre eternamente socializado. É preciso considerar que a aprendizagem requer esforço pessoal, e que há certas operações mentais, implicadas no ato de aprender, que se processam melhor quando estamos a sós. Por outro lado, há diferenças individuais que condicionam ritmos diferentes de aprendizagem e aconselham atividades específicas para cada educando. Como o rendimento varia com as capacidades pessoais, o educando menos dotado pode sentir-se inferiorizado no grupo, enquanto o educando superdotado pode julgar-se superior aos colegas, e criar um autoconceito excessivamente valorizado.

Podemos enumerar os seguintes principais métodos socializantes:

- Debate;
- Discussão;
- Painel;
- Phillips 66.

CAPÍTULO IV

MÉTODOS INDIVIDUALIZANTES E MÉTODOS SOCIALIZANTES

4.1. PRINCIPAIS MÉTODOS INDIVIDUALIZANTES

4.1.1. A AULA EXPOSITIVA OU MÉTODO EXPOSITIVO

Esse método é dos mais antigos no campo do ensino, também chamado de exposição oral, consiste na apresentação oral de um tema logicamente estruturado, ou ainda, na de um conteúdo através de etapas previamente planejadas.

4.1.1.a. Conotações

A utilização desse método pode ter conotações diferentes, as quais devem ser explicitadas:

- Conotação dogmática: ocorre quando a mensagem transmitida não pode ser contestada, devendo ser aceita peremptoriamente pelo aluno, devendo este a obrigação de repeti-la por ocasião de verificações(avaliações).

- Conotação aberta ou de diálogo: quando a mensagem apresentada pelo ensinante é simples pretexto para o desencadeamento do processo de participação educando X ensinante, podendo haver desta forma, contestação, pesquisa, debate e discussão sempre que oportuna e necessária.

4.1.1.b. Objetivos

A aula expositiva tem como objetivos principais:

- Apresentar informações e conhecimentos de maneira contínua e logicamente estruturados, com um dispêndio mínimo de tempo;
- Contribuir para que o grupo adquira experiência e observações pessoais que ainda não foram observadas;
- Estimula o grupo a ler e discutir o assunto;
- Fornecer, com continuidade, informações abalizadas.

4.1.1.c. Desenvolvimento do método

Na ótica da conotação dogmática, o método possui quatro etapas distintas: introdução, explicação, verificação e conclusão a saber:

- Introdução: engloba basicamente algumas ações, tais como: pequeno resumo da aula anterior, dando ao aluno um referencial de sequência pedagógica; apresentação de títulos e tópicos; apresentação de objetivos e aplicação de uma técnica de incentivo inicial para motivar o grupo quanto ao que vai ser explicado.
- Explicação ou desenvolvimento: consiste em explicar, de forma detalhada e com auxílio de meios, o assunto da aula, seguindo os tópicos apresentados anteriormente.

Obs. É de fundamental importância que o professor utilize os meios auxiliares de ensino, a fim de tornar a exposição mais eficiente e menos cansativa.

- Verificação ou avaliação: consiste em verificar se os objetivos foram atingidos, sendo que pode ser oral ou escrita.
- Conclusão: é a síntese dos pontos mais importantes da aula, mas nem sempre ocorre.

4.1.1.d. Precauções

- Não empregar demasiadamente a exposição oral;
- Este método possui uma facilidade ilusória para o professor, pois, conquanto seja relativamente fácil encontrar um bom professor-orador, a liberdade que tem e que exercita pode desviar a atenção do grupo e afastá-lo dos seus objetivos. Em muitos casos a exposição pode ser interessante e informativa, mas, na realidade, pouco relacionada com os objetivos específicos do grupo;
- Há uma grande exigência da capacidade de expressão e de audiência para compreender o raciocínio do professor;
- O professor deverá usar o vocabulário certo para cada tipo de platéia;
- O professor deverá observar, durante o desenvolvimento da aula, os sinais de aborrecimento e de cansaço, a flutuação da atenção, os quais denunciam problemas na comunicação durante a aula expositiva, quais sejam: a forma dos alunos sentarem, sua sonolência e o burburinho em sala.

4.1.1.e. Vantagens

- Rapidez: são passadas muitas informações num espaço de tempo relativamente reduzido;
- Quando é permitido o uso de perguntas proporciona um contato direto e uma maior compreensão pelos alunos;
- Pode ser aplicada a um grande número de alunos;
- É ótima para iniciar o estudo de um tema desconhecido.

4.1.1.f. Desvantagens

- Normalmente torna-se monótona e cansativa, principalmente quando o professor "metralha palavras" sem interrupções;
- Passividade do aluno: se o professor não provocar o aluno para que ele participe da aula, este será um mero expectador;
- Exige do professor um conhecimento profundo do tema e que este tenha uma boa capacidade de se expressar.

4.1.1.g. Considerações críticas

Observa-se que o método expositivo se torna indispensável em qualquer nível de ensino, principalmente nos mais elevados. Acontece que nos dias atuais, só torna-se viável quando o professor assume a postura de manter o diálogo aberto com o aluno, proporcionando a este, o desenvolvimento do senso crítico, não bastando ao aluno a simples recepção de um grande número de informações prontas e acabadas, memorizá-las e reproduzi-las, sem ter as condições mínimas necessárias para criar algo, e, acima de tudo, depender literalmente do professor para adquirir o tão sonhado saber.

4.1.2. DEMONSTRAÇÃO

Consiste em mostrar, de forma prática, uma operação, uma experiência, a utilização de um instrumento, equipamento ou aparelho, ou ainda, como resolver problemas através da execução real por meio de filmes ou outros processos mecânicos.

A demonstração, na prática, está associada a qualquer método de ensino, sempre que se faça necessário convencer a res-

peito do que seja sendo estudado, bem como, ela mesma, em casos especiais, pode constituir-se em método de ensino, chegando até a avaliação de aprendizagem.

4.1.2.a. Objetivos

- Evidencia e convence quando há possibilidades de dúvidas;
- Fornece um modelo adequado para a ação;
- Estabelece padrões a serem seguidos.

4.1.2.b. Vantagens

- Oferece uma maior riqueza de detalhes;
- Aumenta a motivação dos alunos, buscando maior participação;
- Facilita o entendimento;
- Dá um cunho real à aula;
- Suplementa e esclarece uma exposição oral.

4.1.2.c. Desvantagens

- Exige uma demorada e rigorosa preparação por parte de quem demonstra;
- Normalmente exige maior dispêndio de recursos;
- Passividade do aluno.

4.1.2.d. Observações críticas

Neste método tem-se de tomar muito cuidado, pois uma demonstração fraca torna-se desastrosa. Basicamente, a demonstração atende a uma necessidade de prova que o homem sente para aceitar intelectualmente tudo que não é diretamente percebido, isto é, que não é intuitivamente aprendido, em todo e qualquer campo do saber.

A aplicação deste método torna-se ainda mais eficiente quando a pessoa que irá efetuar a demonstração, permite que os

alunos façam constantes perguntas durante o decorrer do método, pois não adianta fazer a demonstração propriamente dita e o aluno ainda continuar com dúvidas, sem fazer a correlação com real, deste modo, socializa-se o processo, sendo necessário também, que após a realização da demonstração o aluno faça a aplicação prática do que foi demonstrado.

4.1.3. ESTUDO DE CASO

Este método consiste em propor à classe, com base em matéria já estudada (de preferência), uma situação real que já tenha sido solucionada com sucesso ou com fracasso, a fim de que a turma analise esgotadamente o caso apresentado, isto sem a orientação do professor para o andamento dos trabalhos, ou seja, no que tange à interpretação do caso. Apesar da recomendação de que os casos devam ser reais, nada impede que o professor elabore casos análogos aos reais, ou ainda casos fictícios, sendo estes bem próximos da realidade e nela inspirados.

O professor deve explicar inicialmente como desenvolver-se-ão os trabalhos, relatará o caso, sendo recomendável que seja distribuído por escrito. A solução deverá ser mantida oculta da classe.

A classe individualmente ou em grupo, passa a trabalhar, podendo, para isso, consultar fontes que desejarem. Após um tempo para estudo do caso determinado pelo professor, passa-se para a fase de apresentação das soluções por cada aluno ou por grupo, seguida de uma discussão a fim de que sejam apontadas as soluções mais válidas ou a mais válida; por fim, o professor apresenta a solução, crítica ou apreciação que o caso em estudo já

tenha recebido, para devida conferição.

Neste método o professor, para facilitar o estudo por parte do aluno, poderá propor um roteiro de perguntas, mas deste modo, direcionará o estudo.

4.1.3.a. Vantagens

- Desenvolve no aluno a capacidade de análise crítica;
- Propicia ao aluno a tomada de decisões depois de ponderar uma situação ou caso;
- O aluno correlaciona a aula com o real, dando sentido de realidade à disciplina estudada;
- Habitua o aluno a analisar situações sob seus aspectos positivos e negativos.

4.1.3.b. Desvantagens

- É de difícil preparação;
- Exige tempo considerável para a aplicação, pois em muitas das vezes gera polêmica;
- Se não houver uma discussão ou um debate no grande grupo após a análise do caso, torna-se diretivo e não crítico.

4.1.3.c. Considerações críticas

Como já visto, o estudo de caso constitui um instrumento de grande importância nos dias atuais, principalmente na área policial militar, mas precisamente na de técnica policial militar, onde observamos muitos casos de companheiros mortos ou feridos no cumprimento do dever, são estes casos, muitas das vezes, que são estampados em jornais e que as pessoas comentam, mas que caem no esquecimento com o passar do tempo, por isso que os educadores têm a obrigação de não ficar somente com o conteúdo e experiências de aprendizagem propostos pelo plano de maté-

ria, mas devem movimentar as aulas com este método, um simples recorte de jornal ou revista pode servir.

Mas, na apreciação de caso, é preciso prevenir a classe que nem sempre se chega a uma solução convincente e mesmo a uma solução única, aceita por todos, isto para evitar frustrações nos alunos, por isto é recomendável que o professor não leve uma solução pronta e acabada para a sala de aula, é importante que esta solução do caso seja construída numa relação dialética professor <-> alunos.

É importante que os educadores tentem socializar este método, mas de que forma podemos conseguir isto? De várias maneiras, senão vejamos: o professor pode realizar os trabalhos em grupo, conseqüentemente aumentaria a capacidade de argumentação dos alunos; o professor deve permitir as discussões, a fim de que este e alunos, juntos, selecionem a melhor ou as melhores soluções para o caso, portanto, é neste sentido que devemos aplicar este importante método de ensino.

4.1.4. ESTUDO DIRIGIDO

Este método consiste no direcionamento do estudo que o professor oferece ao aluno. Basicamente, este direcionamento é realizado através de perguntas relacionadas a algum texto fornecido pelo professor, fazendo com que, para que sejam respondidas, o aluno se dedique à leitura e interpretação do texto. As perguntas devem ser formuladas de forma a exigir que o aluno estude todo o texto com bastante atenção. Sua aplicação normalmente é individual, mas pode ser adaptada a um trabalho em grupo.

4.1.4.a. Objetivos

- Servir como técnica de fixação;
- Favorecer o sentimento de confiança do aluno em si próprio.

4.1.4.b. Vantagens

- Permite a participação ativa do aluno, estudando o texto e respondendo às perguntas;
- Fácil aplicação;
- Desenvolve a capacidade de ler e interpretar textos.

4.1.4.c. Desvantagens

- Surgem dúvidas à revelia do professor;
- Exige tempo considerável para a aplicação, principalmente se o texto for longo e complexo;
- Necessita de um rigoroso silêncio em sala de aula durante a aplicação.

4.1.4.d. Considerações críticas

Observa-se que o estudo dirigido, para alguns pedagogos, constitui um método individualizante de trabalho, pois pela própria aceção da palavra "dirigido", há um direcionamento de trabalho feito do professor para o aluno, o professor é quem escolhe o texto, as perguntas, o tempo de aplicação; cabe ao aluno simplesmente ler/estudar o texto e responder às questões sem discussão ou questionamento algum. Mas para outros pedagogos, os adeptos das teorias críticas da educação, este método de ensino quando bem aplicado e conjugado com outros métodos (debate, discussão) surte um efeito muito bom, ou seja, quando o estudo dirigido é socializado, o aluno terá condições de discutir com o professor e com os demais colegas alguns pontos que ficaram obscuros para ele quando da leitura do texto, desta forma, portan-

to, socializa-se o método, permitindo ao aluno a oportunidade de se expressar sobre um determinado tema. Ressalta-se ainda que, as próprias perguntas complementares podem ser formuladas pelos alunos, e posteriormente, redistribuídas pelo professor aos alunos, revitalizando assim, o método.

4.1.5. FICHAS DIDÁTICAS OU FICHAS DE ESTUDO

Este método consiste em colocar à disposição do aluno, na sala de aula, um conjunto de fichas necessárias ao estudo de um determinado conteúdo, utilizando-se de alguns princípios da instrução programada.

4.1.5.a. Objetivos

Diz Nérici ², a respeito dos objetivos deste método de ensino:

- Introduzir o aluno no processo do auto ensino;
- Orientá-lo para o trabalho independente;
- Possibilitar uma assistência individualizada, em função dos resultados constatados nos estudos;
- Possibilitar um atendimento às diferenças individuais;
- Levar a efeito um trabalho de recuperação, sempre que necessário.

4.1.5.b. Desenvolvimento do método

A organização das fichas didáticas obedece ao seguinte cronograma:

² Imideo G. NÉRICI, Metodologia do Ensino - Uma Introdução, p. 126.

- Ficha de noções ou de informações: contém o conteúdo a ser estudado, sendo que, quando necessário, as fichas são ilustradas com gráficos e desenhos, a fim de facilitar a compreensão do conteúdo;
- Ficha de exercícios: contém questões sobre os conteúdos registrados na ficha de noções;
- Ficha de correção: contém as respostas correspondentes às questões formuladas nas fichas de exercícios.

As fichas devem ser colocadas em lugar visível. Cada aluno deverá escolher uma ficha de noções, após estudá-la convenientemente, deve repô-la no lugar em que se encontrava; a seguir pegará a ficha de exercícios e só após respondê-la toda, irá buscar a ficha de correção para efetuar a autocorreção.

A depender da extensão do conteúdo em estudo, o professor poderá organizar várias fichas de noções, que deverão ser numeradas em ordem crescente. Para cada ficha de noções corresponderá uma ficha de exercício e uma ficha de correção.

O tamanho das fichas pode equivaler à metade de uma folha tamanho ofício.

4.1.5.c. Considerações críticas

Este método é aplicado, em princípio, para o "feedback" de um conteúdo já trabalhado ou de conteúdos diversos já do conhecimento do aluno. Deve-se levar em consideração um dos princípios básicos da instrução programada: o princípio do ritmo próprio, ou seja, cada aluno possui o seu próprio ritmo para estudar cada ficha, e, portanto, a variável tempo tem que ser meticulosamente planejada pelo professor.

O estudo através de fichas didáticas se alinha entre os métodos do ensino individualizado, sendo bastante proveitoso quando se quer introduzir o aluno no processo do auto-ensino e

quando respeita a individualidade do mesmo, mas tolhe brutalmente a capacidade criadora e de contestação que possui o aluno, tornando este num mero receptor de informações prontas e com obrigação de sabê-las ao "pé da letra" com vistas à avaliação.

4.1.6. A INSTRUÇÃO PROGRAMADA

É um método que baseia-se na teoria de aprendizagem do reforço desenvolvida por **B. F. Skinner**, que iniciou seus trabalhos treinando animais. "Consiste no procedimento através do qual se exerce o controle sobre o comportamento de organismos, como aplicação do reforçamento - condicionamento operante".³

Basicamente, o condicionamento operante prevê uma programação de trabalho pela qual haverá uma resposta instrumental na obtenção da mudança do comportamento. Estas mudanças constituem o processo de aprendizagem segundo a teoria de **Skinner**. É preciso esclarecer que essa mudança é alcançada, quando se oferece uma recompensa imediata ao aluno, quando este, por acaso, se comporta ou responde segundo o modelo desejado.

4.1.6.a. Desenvolvimento do método

Na prática ocorre o seguinte: é apresentada através de quadros sucessivos, normalmente na vertical, contendo cada um deles, um texto informativo seguido de uma ou mais perguntas. O aluno utiliza uma folha de papel cobrindo os demais quadros; após responder numa folha de papel em separado, confere o quadro seguinte. Caso tenha errado, volta ler o mesmo texto. Acertando,

³ J.J. Mourinho MOSQUEIRA, Psicologia Social do Ensino, p. 89.

prossegue para o próximo quadro. Os quadros são numerados cronologicamente sendo que o conjunto deste quadros denominamos justamente de instrução programada.

4.1.6.b. Princípios básicos norteadores

- Princípio dos pequenos passos: o programa(conjunto de quadros planejados) é feito de um grande número de pequenas informações, cada uma delas bem simples. O aluno pode prosseguir partindo de quase nenhum conhecimento, até o completo domínio de um determinado tema, seguindo sempre a um programa;
- Princípio da resposta ativa: cada informação apresentada ao aluno exige uma resposta do mesmo, sendo que é certo dizer que as pessoas também "aprendem fazendo", ou seja, aprendem por respostas ativas;
- Princípio da confirmação imediata: o aluno aprende melhor quando pode conferir sua resposta imediatamente;
- Princípio do ritmo próprio: cada aluno pode operar cada pequeno passo ou informação tão lentamente ou tão rapidamente quanto queira, ou quanto possa, vai depender de suas capacidades internas;
- Princípio dos testes com os alunos: consiste em fazer revisões periódicas no programa a partir dos registros dos desempenhos dos alunos.

4.1.6.c. Vantagens

- Desenvolve a capacidade de concentração e raciocínio;
- É de fácil aplicação e fixação;
- Respeita a capacidade individual de progredir o estudo;
- Participação ativa do aluno como agente operativo.

4.1.6.d. Desvantagens

- Presta-se mais para instruir do que formar;
- A preparação é muito trabalhosa (dificuldade na elaboração de bons programas);
- Mecaniza a aprendizagem;
- O aluno não descobre conhecimentos, recebe-os.

4.1.6.e. Considerações críticas

Atualmente, a instrução programada não é muito utilizada, sendo exaltada por uns e depreciada por outros. Ocorre que neste método acontece uma mecanização fora do comum do processo de aprendizagem, o aluno apesar de desempenhar o papel de agente ativo, simplesmente recebe mensagens para memorizá-las, a fim de responder às perguntas formuladas quadro a quadro.

Constitui uma conquista metodológica do ensino a favor dos professores adeptos das teorias não-críticas, pois há uma diminuição dos encargos diretos junto ao aluno, proporcionando-lhes mais tempo para o planejamento.

Portanto, a instrução programada pode ser inscrita entre os métodos da educação que perseguem o ensino individualizado.

4.1.7. MÓDULO INSTRUCIONAL DE ENSINO

Podemos definir módulo instrucional de ensino ou também chamado de bloco integrado de trabalho, como sendo uma unidade de ensino autônoma e completa entre si mesma que apresenta as seguintes partes: formulação clara dos objetivos, pré-requisitos, pré-avaliação, atividades de aprendizagem, pós-avaliação e atividades para sanar deficiências; ou ainda, podemos dizer que

este método é o conjunto de atividades de aprendizagem planejado, a fim de facilitar a aprendizagem do aluno, em função das suas reais possibilidades para que alcance os objetivos estipulados, compreendendo para isto também, alternativas de aprendizagem, objetivando melhor adaptação dos estudos.

4.1.7.a. Objetivos

- Proporcionar o ensino individualizado, isto é, adequado às possibilidades do aluno;
- Fazer com que a aprendizagem dos alunos seja a mesma, variando, para isso, o espaço de estudo e os caminhos da aprendizagem.

4.1.7.b Desenvolvimento do método

- Identificação: Consta essencialmente de um título geral ou denominação do módulo. Deve-se sintetizar o assunto a ser tratado ou uma justificativa que saliente a importância do tópico explorado.
- Pré-requisitos: a ênfase nesta etapa é dada ao diagnóstico dos conhecimentos e habilidades necessárias para a realização do módulo. O diagnóstico deve funcionar no sentido de fornecer ao aluno as orientações pertinentes para auxiliá-lo a sanar suas dificuldades e obter a qualificação necessária, antes de iniciar o desenvolvimento do módulo.
- Objetivos: cada módulo deve ter bem claros e definidos os seus objetivos, que devem ser poucos, mas precisos, indicando o tipo de comportamento que deve ser demonstrado pelo aluno, após os estudos planejados.
- Pré-avaliação: este componente tem por finalidade verificar se o aluno já possui domínio dos objetivos ou do conteúdo explorado no módulo. O aluno submete-se à avaliação e se os resul-

tados confirmarem esse domínio, ele será direcionado para outra etapa que não envolva a realização do módulo. Dessa forma, o aluno tem possibilidade de queimar etapas, liberando-se para a realização de outros módulos, nos quais ele efetivamente não apresenta mestria. Esta avaliação prévia não deve ser confundida com a avaliação de pré-requisitos, muitas vezes também denominada de pré-avaliação ou, em casos especiais, integrada à pré-avaliação. É nesta etapa que o aluno é avaliado em relação ao domínio dos objetivos do próprio módulo, com vistas a constatar se ele necessita realizar o módulo ou pode ser dispensado de realizá-lo total ou parcialmente.

- Atividades de aprendizagem: são as tarefas a serem apresentadas ao aluno, a fim de que este possa alcançar os objetivos programados para o módulo em estudo. Estas atividades devem ter diferentes estratégias, métodos, recursos, meios e materiais variados, visando atender às diferenças individuais quanto a estilos de aprendizagem e estilos cognitivos. O mais importante é que o aluno possa escolher os mais diversificados modos de alcançar a competência exigida, de acordo com as suas preferências, interesses, estilos e habilidades. Todas as atividades devem explorar o conteúdo de tal forma que conduzam o aluno ao alcance dos objetivos.
- Pós-avaliação: este componente visa verificar se o aluno atingiu ou não os objetivos esperados. Na pós-avaliação determina-se um padrão mínimo de desempenho que é estipulado, geralmente, em torno de 80% de domínio dos objetivos. Dependendo do resultado alcançado pelo aluno nesta etapa, ele é direcionado para outro módulo ou para o final do programa quando alcançar a competência esperada. Caso contrário, ele deverá seguir para as atividades de recuperação.
- Atividades para sanar deficiências: também chamadas de ativi-

dades de recuperação, nas quais o aluno só passa por elas se não evidenciar a competência esperada. Este componente do módulo visa orientar o aluno para atividades de aprendizagem que o auxiliem a alcançar somente os objetivos não atingidos. Neste período, é dado ao aluno uma nova oportunidade de obter sucesso, devendo incluir revisão de conceitos, práticas adicionais do desempenho exigido pelos objetivos e avaliação do alcance desses objetivos. Após a realização dessas atividades, o aluno é submetido novamente a uma avaliação e o processo de tomada de decisão segue o mesmo fluxo descrito anteriormente na pós-avaliação.

4.1.7.c. Vantagens

- Respeita a individualidade do aluno no que tange ao seu ritmo próprio de executar cada módulo;
- Torna possível o aumento de cooperação só entre os alunos, como reflexo da redução da competição entre eles.

4.1.7.d. Desvantagens

- Não permite ao aluno discutir abertamente sobre um determinado assunto, ficando o mesmo preso à rotina de cada módulo;
- A maioria dos alunos ainda não estão preparados para a auto-suficiência proposta pelo módulo.

4.1.7.e. Considerações críticas

Observa-se que os módulos instrucionais de ensino constituem uma das formas mais ativas do ensino individualizado, pois, busca atingir altos níveis de individualização. Acontece, que na tentativa de individualizar o processo ensino-aprendizagem, o método se esquece da real capacidade criadora que o ser humano(aluno) possui, ou seja, atualmente os alunos não mais

aceitam a simples reprodução de conteúdos, como ocorre nos módulos; há uma valorização muito grande dada ao conteúdo, quer dizer, não é observada a opinião do aluno sobre determinado assunto. O aluno não tem direito de opinar.

Há um questionamento muito grande por parte dos alunos e também por parte dos professores sobre a validade deste método, sendo mais utilizado em estabelecimentos de ensino regidos pelas teorias tradicional/tecnicista.

4.2. PRINCIPAIS MÉTODOS SOCIALIZANTES

4.2.1. A DISCUSSÃO

Este método pode ser definido como a deliberação cooperativa sobre problemas, por pessoas que pensam e conversam em grupos, pequenos ou grandes, sob a direção de um coordenador, com o objetivo de chegar a um entendimento ou ação. Em outras palavras, a discussão é a tentativa por parte de um grupo de pensar junto, reflexivamente. É uma atividade através da qual o grupo procura chegar a conclusões, à luz de todas as evidências ou lados da questão, respeitando a integridade intelectual dos participantes e buscando estimular em cada um a "autodeterminação completa", vale dizer, a atuação, como todo o equipamento mental em atividade. Para **Turra**, "discussão é um tipo de interação que visa ao encorajamento à livre apresentação de idéias, possibilitando a consideração de diversas soluções para os problemas em estudo. Todas as idéias são aceitas e analisadas sob diversos ângulos, excluindo-se as que podem entrar em conflito

com qualquer regra previamente adotada".⁴

A discussão, para ser eficiente, não deve ser confundida com o tipo da situação pergunta-e-resposta. Neste caso, a comunicação fica limitada às perguntas feitas pelo ensinante e respondidas por um ou mais aprendentes que têm pouca ou nenhuma oportunidade de atuar reciprocamente. Na discussão todos participam falando e ouvindo.

Pode existir neste método as figuras do coordenador, secretário, consultor, observador e o grupo ou platéia. Mas atualmente, alguns pedagogos recomendam que o ensinante seja o coordenador, o secretário seja algum aprendente, de preferência escolhido voluntariamente, e por fim, a platéia que debaterá o tema, excluindo-se desta forma as funções de observador e consultor; esta organização dependerá do grau de formalidade ou de informalidade da discussão.

O ensinante deve operar as seguintes ações básicas:

- Explicitar o objetivo pretendido com a discussão;
- Explicar o funcionamento do método;
- Delimitar o tema e tempo disponíveis;
- Delimitar o número de grupos e de componentes por cada grupo;
- Movimentar-se entre os grupos prestando informações, aclarando dúvidas, etc.
- Dirigir o grupão na elaboração da conclusão final.

Nota-se que atualmente, há uma prática de discussão sem formação de grupos, ou seja, acontece a discussão entre todos os componentes da classe e o ensinante.

4.2.1.a. Considerações críticas

A discussão é um dos métodos mais utilizado em sala de

⁴ Clódia Maria Godoy TURRA et alli, op. cit., p. 149.

aula. Sempre que os pequenos grupos se reúnem e não há uma especificação do ensinante quanto ao método a ser utilizado, o que ocorre, naturalmente, é uma discussão.

O ensinante deve tomar cuidado ao delimitar o tema a ser debatido, pois, a depender deste tema e do nível da turma, pode ocorrer que a discussão se estenda por mais tempo do que o inicialmente planejado.

É um método extremamente socializante, o qual complementa outros métodos de ensino, inclusive os individualizantes. Ressalta-se que os aprendentes desempenham papéis ativos, pois a todo momento discutem, interagem, debatem, favorecendo desta forma uma constituição de senso crítico entre eles.

4.2.2. O DEBATE

O debate, ao contrário da discussão, se processa quando um tema suscita posições contrárias entre os aprendentes, ou mesmo quando fortes dúvidas formam blocos de opiniões divergentes. O debate pode surgir no curso de uma discussão quando um conceito, uma apreciação ou tese não alcancem unanimidade. Então, cada grupo de aprendentes se propõe a defender os seus pontos de vista.

Neste método, cada "facção" vai procurar demonstrar os seus pontos de vista, em conseqüência, exige um mínimo conhecimento prévio do assunto, a fim de que cada aprendente possa discutir com mais segurança. Assim, o método, leva a argumentar, de forma lógica, os prós e os contra a uma tese.

A depender do grau de formalidade, possui os seguintes componentes: moderador, secretário, debatedores e platéia.

4.2.2.a. Considerações críticas

O debate é de relevante importância, porque desenvolve a capacidade de argumentação do aprendente, proporcionando-lhe uma visão crítica das coisas, bem como, este aprende a respeitar as opiniões de seus colegas e de expor as suas. É bom ressaltar que atualmente vem sendo muito confundido com o método da discussão, tendo em vista serem muito parecidos.

4.2.3. O PAINEL

O painel consiste na apresentação de um determinado tema, perante um auditório por alguns especialistas (painelistas), que abordam o tema de diferentes pontos de vista. Normalmente o número de painelistas é fixado entre 3 a 6.

Haverá um coordenador dirigente que dirige e coordena as atividades, iniciando pela apresentação dos painelistas e do(s) tema(s).

Numa primeira etapa, cada painalista aborda o tema em exposição básica, em tempo limitado igualmente para cada um; a seguir o dirigente incentivador faz um breve resumo dos aspectos por eles enfatizados, destacando, sobretudo, os pontos divergentes ou os de maior interesse.

Segue-se a discussão livre espontânea dos painelistas. Após esta fase é recomendável que se faça um intervalo, momento em que os componentes da platéia inscrever-se-ão para a discussão propriamente dita com os painelistas. O coordenador dirigente reinicia os trabalhos com a leitura da primeira pergunta aos painelistas ou a um deles conforme cada caso.

Em sala de aula ocorre comumente o painel, só que com menos grau de formalidade, com os aprendentes representando as funções de painelistas, coordenadores e platéia.

Existem várias modalidades de painel, quais sejam: o simples, o com interrogadores, o integrado, o misto, o triplo e o progressivo.

4.2.3.a. Vantagens

- Leva o aprendente a conhecer melhor um assunto, tornando mais compreensivo o estudo deste assunto;
- Evita longas preleções sobre um tema, a fim de tornar o estudo mais dinâmico e interessante;
- Dá um caráter menos informal à discussão de uma tema.

4.2.3.b. Desvantagem

- Dispense de muito tempo para apenas um tema a ser discutido.

4.2.3.c. Considerações críticas

Observa-se a existência de variações deste método, mas a essência é a interação participativa, ou seja, sempre que houver um painel, formal ou informal, é fundamental que a platéia participe ativamente na fase do debate, pois, se ficar somente na fase de exposição dos painelistas não caracterizará o painel, já que os aprendentes não interagirão com os painelistas. Quanto mais informal for a atmosfera do painel, melhor, pois irá propiciar uma comunicação mais fácil entre os participantes.

4.2.4. PHILLIPS 66

Descrito e difundido por **J. Donal Phillips**, da Universidade Estadual de Michigan(EUA), este método visa a participação de todo o auditório em uma discussão, fracionando-o em seis grupos(preferencialmente) com seis componentes cada um, a fim de trocarem idéias durante seis minutos sobre um determinado tema, e, depois exporem as suas conclusões a todo o auditório ou classe.

Pode ser usado em variadíssimas circunstâncias, por exemplo, durante uma exposição, ao final de um simpósio, painel, de uma projeção de filme, de uma visita etc. O ensinante deve inicialmente explicar o desenvolvimento ou funcionamento do método e colocar em pauta o tema a ser discutido. É necessário que se eleja, entre os próprios aprendentes, um relator de cada grupo.

O papel do ensinante será importantíssimo na fase da conclusão final, ou seja, após as exposições de cada grupo, o qual deverá dirigir todo o grupo na elaboração desta conclusão final, tendo o cuidado necessário para que não haja agressões verbais entre os participantes dos grupos, pois, muitas vezes ocorrem posições ou colocações divergentes entre estes grupos.

Existe atualmente, uma variação deste método, que chamamos de Phillips 22, também chamado de método do zum-zum ou do cochicho, o qual tem como diferenças básicas do phillips 66 o seguinte: o número de componente por grupo será de dois e a discussão de cada grupo terá tempo dois minutos. A aplicação desta variante é recomendável a classes pequenas, e como são duas pessoas somente trocando idéias, tudo indica que elas chegarão a um consenso mais depressa do que fossem seis pessoas, daí a dispo-rem somente de dois minutos para a discussão em grupo.

Nota-se que a aplicação deste método é mesclada à da discussão.

4.2.4.a. Vantagens

- Desenvolve a rapidez de raciocínio;
- Permite o uso da palavra por todos os participantes;
- Propicia a organização no trabalho;
- Desenvolve habilidades sociais;
- Não é necessário muito tempo para aplicação em si.

4.2.4.b. Desvantagem

- Se os alunos não tiverem um bom poder de síntese e de organização, constituirá uma séria restrição ao progresso do grupo e conseqüentemente do método.

4.2.4.c. Considerações críticas

É um excelente método socializante, pois o aprendente é submetido a uma constante discussão com os colegas, ajudando-o a libertar-se de suas inibições e timidez, bem como, propicia levar todo um grupo, principalmente se for grande, a participar de uma discussão.

O ensinante deve tomar cuidado para que todos os participantes de cada grupo interajam, participem, discutam. Este deve ter uma postura observadora para detectar este tipo de falha no método, por isso que é muito importante a preleção feita por ele logo no início da aplicação do phillips 66, ocasião em que deverá procurar conscientizar os aprendentes sobre a importância da participação de todos.

É neste método que observamos a liberdade de expressão do aprendente, este tem todo o direito de expressar-se da maneira como achar conveniente, não precisando necessariamente de uma

informação pronta e preparada pelo professor e tida como a única certa.

CAPÍTULO V

PERFIL DO CORPO DOCENTE DA APM E DOS MÉTODOS UTILIZADOS POR ESTE

5.1. METODOLOGIA

5.1.1. TIPO DE PESQUISA

A pesquisa a que nos propusemos realizar tem caráter essencialmente descritivo e de campo. A nossa intenção é traçar um perfil do corpo docente da APM, bem como, de mostrar quais os métodos que estão sendo utilizados neste Estabelecimento de Ensino.

Acreditamos que esta pesquisa não se encerrará com a sua conclusão, pois, desejamos que ela sirva como marco para que outras sejam elaboradas e que realmente, venha a influir, de alguma maneira, na modificação das tomadas de decisões do Comando da Academia de Polícia Militar. Como afirma SELLTIZ, que não se deve dar solução definitiva para um problema, procurando ficar

restrito às finalidades: "adquirir familiaridade com um fenômeno; obter novos discernimentos sobre ele e possivelmente chegar à formulação de algumas hipóteses para investigações futuras".⁵

5.1.2. MÉTODO UTILIZADO

O método utilizado foi o planejado por **Quetelet** ⁶, segundo ele, "os processos estatísticos permitem obter de conjuntos complexos, representações simples e constatar se essas verificações simplificadas têm relações entre si. Assim, o método estatístico significa redução de fenômenos sociológicos, políticos, econômicos, etc. a termos quantitativos e a manipulação estatística, que permite comprovar as relações dos fenômenos entre si, e obter generalizações sobre sua natureza, ocorrência ou significado".

O método utilizado pode ser considerado mais do que apenas um meio de descrição racional; é também, um método de experimentação e prova, pois é método de análise.

5.1.3. POPULAÇÃO

O universo populacional da pesquisa envolve o público interno da APM, ou seja, seu Corpo Docente, mais precisamente, os 30 (trinta) instrutores e 37 (trinta e sete) professores, perfazendo um total de 67 (sessenta e sete), os quais estão lecionando ao CAO, CTE, CFO e CHOA, conforme informado pelo Comando da APM.

5 C. SELTZ et alii, Métodos de pesquisa nas relações sociais, p. 138.
6 Idem, p. 233.

5.1.4. AMOSTRAGEM

Fundamentado nas leis estatísticas, utilizamos uma amostragem probabilística aleatória simples do universo populacional descrito, sendo que obtivemos 42 (quarenta e dois) questionários respondidos, constituindo 62,7% do total.

5.1.5. DELIMITAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA

Restringimos o campo apenas ao Corpo Docente da APM, tendo em vista que este trabalho tem direcionamento inicial para Academia, e em segundo lugar pelo motivo da exigüidade de tempo e pela facilidade de aplicação dos questionários.

5.1.6. INSTRUMENTO

Escolhemos como instrumento de pesquisa o questionário (em anexo), pois o consideramos como uma das técnicas de investigação mais adequada, uma vez que a utilização deste tipo de levantamento possibilita, segundo afirma **Décio Salomon**, "o enfoque se faz sobre condições dominantes ou sobre como uma pessoa, grupo ou coisa se conduz ou funciona no presente".⁷

Optamos pelo questionário, por ele possibilitar atingir um grande número de professores e instrutores que estão lecionando atualmente na APM; implicar em menores gastos, pois foram aplicados pelo próprio autor do trabalho, com a ajuda de alunos-oficiais; garantir o anonimato das respostas e não expor os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do en-

⁷ Décio Vieira SALOMON, Como fazer uma monografia: elementos de pesquisa, p. 170.

trevistado.

5.1.7. TRATAMENTO DOS DADOS

O tratamento dos dados foi efetuado através de recursos de informática, com a tabulação do número de ocorrências das respostas de cada pergunta e diversas análises globais.

Utilizamos então, um microcomputador AT-386/SX, drive de 3,5 com capacidade de 1,44 MB, monitor SVGA/Mono, sistema operacional MS-DOS 6.0, com seu modo interativo e programado pelo próprio autor do trabalho.

O uso de um "software" do tipo de gerenciamento de dados propiciou uma enorme economia de tempo. Acreditamos que se o tratamento de dados não fosse efetuado através de recursos de informática, necessitaríamos do triplo do tempo para a conclusão do trabalho, além de tornar confiável o tratamento de dados, já que eles seriam manipulados manualmente.

5.1.8. APRESENTAÇÃO, DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Observando-se os questionários da pesquisa, a que se refere este capítulo, abordaremos os principais dados coligidos, com o objetivo de traçar um perfil do professor/instrutor da APM e quais os métodos de ensino utilizados por este Corpo Docente, baseado nas respostas dos 42 (quarenta e dois) que responderam às nossas indagações.

5.1.8.a. TABELA 01

IDADE DO PROF/INST DA APM EM MAI/94		
FAIXA ETARIA	QUANT	%
menos de 21 anos	-	-
de 21 a 25 anos	1	2,4
de 26 a 30 anos	11	26,2
de 31 a 35 anos	4	9,5
acima de 35 anos	26	61,9
TOTAL	42	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo

Verifica-se que uma boa parte do Corpo Docente da APM possui idade acima de 35 anos, ou seja, cerca de 61,9%, enquanto que 38,1% estão na faixa abaixo de 35 anos. Deduz-se que esta população, já quase alcançando a meia idade, está relacionada ao pré-requisito mínimo de que para lecionar na Academia é necessário possuir curso superior.

5.1.8.b. TABELA 02

FORMAÇÃO DO PROF/INST DA APM EM MAI/94		
CURSOS	QUANT	%
DIREITO	11	26,1
CFO	8	19,0
EDUCAÇÃO FÍSICA	4	9,5
HISTÓRIA	3	7,1
ECONOMIA	2	4,8
GEOGRAFIA	2	4,8
PEDAGOGIA	2	4,8
PÓS-GRAD EM PEDAGOGIA	2	4,8
PÓS-GRAD EM DIREITO	2	4,8
MESTRADO EM EDUCAÇÃO	2	4,7
MESTRADO EM LETRAS	1	2,4
PSICOLOGIA	1	2,4
ENGENHARIA CIVIL	1	2,4
CHOA	1	2,4
TOTAL	42	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo

Observa-se uma grande variação na formação dos docentes da APM, sendo que para uma melhor análise por áreas, temos o seguinte desdobramento:

- Área das ciências humanas: 88,1%.
- Área das ciências naturais: 9,5%.
- Área das ciências exatas: 2,4%.

Deduz-se, então, que é normal esta grande concentração de professores/instrutores com formação na área de humanas, pois os cursos realizados na APM são justamente desta área, com raríssimas disciplinas das áreas de exatas e das ciências naturais.

Observa-se, porém, que somente 14,3% dos docentes possuem formação na área de humanas com pedagogia, o que pode prejudicar em muito a atividade-fim da APM, pois cerca de 85,7% dos educadores não discutiram EDUCAÇÃO.

Nota-se, também, a existência de um considerável número de docentes (30,9%) com formação em Direito, também um número justificável pois é grande o número de disciplinas na área do Direito nos cursos da APM.

Finalmente, registra-se o percentual de 21,4% dos docentes que só possuem o CFO e CHOA, o que também pode constituir um aspecto dificultador para APM, tendo em vista que estes docentes não foram formados especificamente para lecionar, não obstante a necessidade de tê-los como instrutores tendo em vista as disciplinas policiais militares.

5.1.8.c. TABELA 03

TEMPO DE MAGISTÉRIO DO PROF/INST DA APM EM MAI/94		
TEMPO	QUANT	%
menos de 03 anos	6	14,3
de 03 a 05 anos	11	26,2
de 06 a 10 anos	3	7,1
mais de 10 anos	22	52,4
TOTAL	42	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo

Como é possível observar na tabela acima, mais da metade dos docentes da APM (52,4%) possui experiência de magistério acima de 10 anos, o que vem a ser um fator de grande relevância positiva, apesar de que experiência não significa necessariamente competência, mas tomando-se por base o tempo mínimo de magistério para a aposentadoria, consideramos um bom tempo de experiência de magistério.

Nota-se também que 40,5% dos educadores possuem menos de 5 anos de experiência em lecionar, o que consideramos pouco tempo.

5.1.8.d. TABELA 04

FUNÇÃO DO DOCENTE NA APM EM MAI/94		
FUNÇÃO	QUANT	%
Professor civil	28	66,7
Instrutor militar	14	33,3
TOTAL	42	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo

Verifica-se que da amostragem extraída da pesquisa, atualmente, lecionando na APM, temos 66,7% de professores civis

e 33,3% de instrutores policiais militares, o que é natural, tendo em vista que os currículos dos diversos cursos da APM possuem uma menor quantidade de disciplinas policiais militares do que disciplinas não policiais militares.

5.1.8.e. TABELA 05

MÉTODOS USADOS PELOS PROF/INST DA APM EM MAI/94 *

MÉTODOS	QUANT	%
Aula Expositiva	42	26,1
Discussão	26	16,1
Debate	22	13,7
Demonstração	22	13,7
Estudo Dirigido	14	8,7
Estudo de Caso	10	6,2
Instrução Programada	9	5,6
Fichas de Estudo	6	3,7
Mod Instruc de Ensino	3	1,9
Painel	2	1,2
Phillips 66	-	-
Outros	5	3,1
TOTAL	161	100,0

(*) Considerando respostas múltiplas.

Fonte: Pesquisa de Campo

Dos dados coligidos da tabela 05, para uma melhor compreensão, podemos fazer o seguinte desdobramento:

- Métodos individualizantes: 65,8%;
- Métodos socializantes: 31,1%;
- Outros métodos não classificados: 3,1%.

É normal que a APM possua docentes que tenham mais preferência por métodos individualizantes, visto que a natureza deste Estabelecimento de Ensino é tecnicista/tradicional, sendo que estes métodos são utilizados com freqüência pelos docentes que adotam uma postura tecnicista/tradicional. Deduz-se, porém, que se cada vez mais for aumentado o número de professores

civis lecionando na APM, estes métodos individualizantes começarão a ceder espaço para os métodos socializantes.

Verifica-se que o consagrado método da exposição oral é o campeão de preferência pelos docentes com 26,1%.

5.1.8.f. TABELA 06

MOTIVO DE ESCOLHA DOS MÉTODOS DE ENSINO PELOS PROF/INST DA APM EM MAI/94

MOTIVO	QUANT	%
Conteúdo da disciplina	13	31,0
Objetivos da disciplina	9	21,4
Prática educativa	8	19,0
Eficiência do método	5	11,9
Participação Prof/Aluno	3	7,1
Tempo de aula	2	4,8
Falta de livros na área	1	2,4
Outros	1	2,4
TOTAL	42	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo

Verifica-se que 52,4% dos docentes possuem uma postura conteudista e privilegiam os objetivos, caracterizando as correntes tradicional e tecnicista, respectivamente.

Observa-se que outros docentes, cerca de 19,0%, escolhem os métodos de acordo com a experiência da prática pedagógica.

Salienta-se, ainda, que uma menor parte (7,1%) escolhe os métodos que privilegiam a participação professor/aluno, o que constitui uma posição progressista.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÃO

"Não concordo com uma só palavra do que dizeis,
mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-lo".

Voltaire

Discorreremos muito sobre métodos de ensino, sob os mais variados ângulos, e, finalmente, algumas pessoas poderiam formular as seguintes perguntas: Qual o método de ensino ideal? O socializante ou o individualizante? Responderíamos, então, com convicção: não existe método ideal, tanto o socializante como o individualizante são importantes para o processo ensino-aprendizagem, pois o mesmo método usado com êxito por um professor numa sala de aula pode ter aspectos negativos quando aplicado por outro professor, na mesma sala. E quanto mais variarem os elemen-

tos humanos envolvidos, mais variações são previstas. Isso não quer dizer que o método não tenha um valor em si mesmo, mas ficará sujeito a novas interpretações e adaptações.

Surge então a figura do aplicador do método, ou seja, o educador, o qual situa-se historicamente rompendo os limites constrangedores e ocupando/ampliando os espaços da educação, consciente dos entraves e das potencialidades que a tecnologia educacional pode oferecer ao desenvolvimento do processo educativo na nossa sociedade. Por isso mesmo o educador sofre e luta com suas próprias contradições. Tentado a consolidar sua posição e "status" de especialista, ele sente seu compromisso de catalisador de recursos para a autodeterminação dos homens. Sentindo as pressões para ser um agenciador da reprodução da dominação e da subserviência, ele se descobre continuamente como possível agente histórico na superação das contradições sociais. Decorre-se, então, a necessidade de o educador assumir uma postura crítica. Ser educador é parte constituinte de nossa inscrição histórica como construtores de uma educação relevante para o povo brasileiro.

Portanto, é o discernimento do educador que deve orientá-lo, ou seja, deve levá-lo a programar atividades socializadas, quando oportunas e aconselháveis, assim como deve orientá-lo a estabelecer atuação individual, quando conveniente e necessário. No bom ensino, socialização e individualização se alternam e se interpretam, complementando-se harmoniosamente.

Concluimos, também, com a realização da pesquisa demonstrada no presente trabalho, que a maioria dos componentes do Corpo Docente da APM adota a utilização dos métodos individualizantes em suas aulas, caracterizando a teoria educacional adotada por este estabelecimento de ensino, que é uma combinação da tradicional com a tecnicista, e como resultado disto, temos na

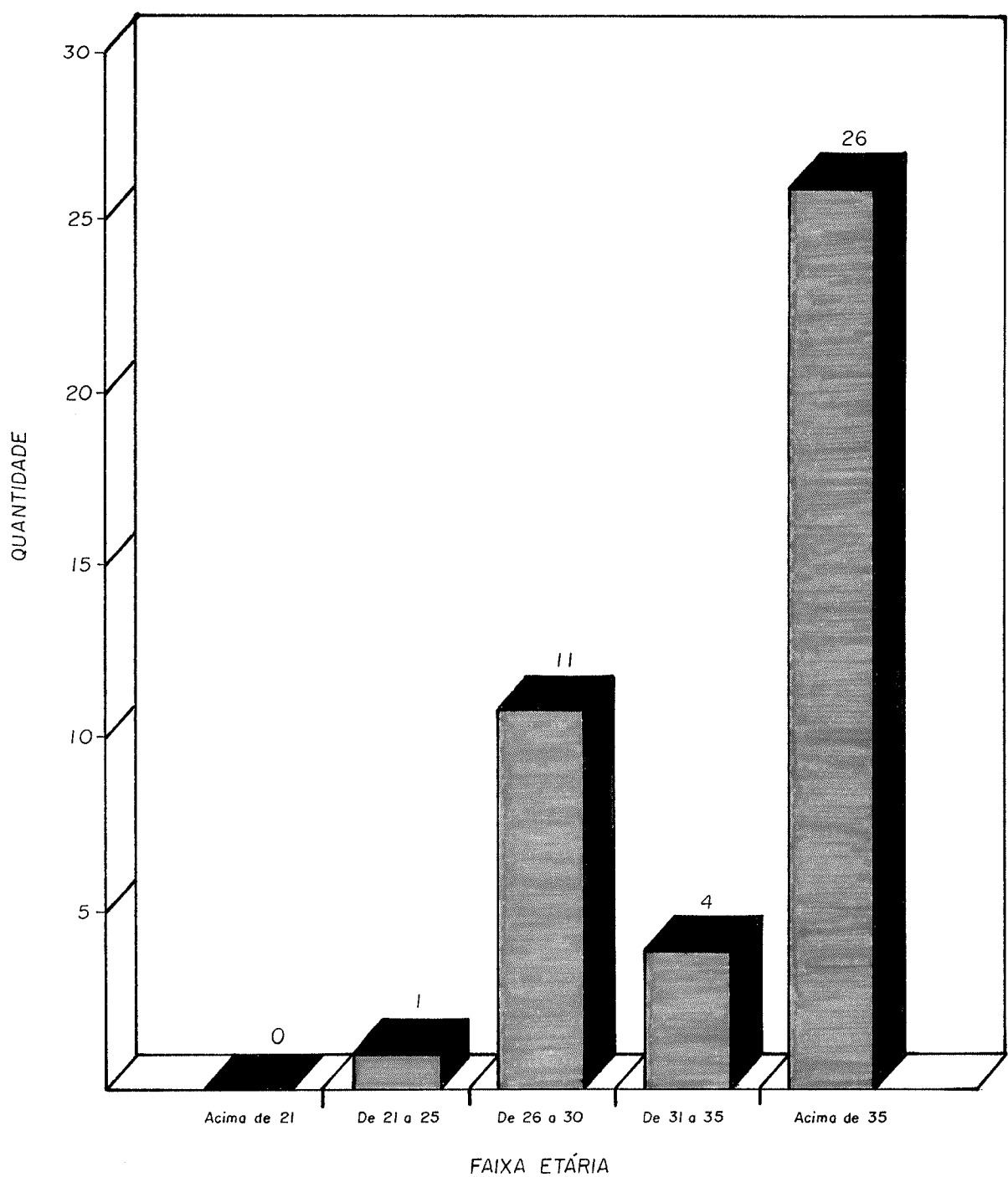
APM, um sistema de ensino apoiado na autoridade e no professor, diferentemente do ensino apoiado no aluno, nas suas motivações e aptidões.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Irene Mello. O Processo Didático. 4.ª ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1976.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1977.
- GARCIA, Walter Esteves. Educação: visão teórica e prática pedagógica. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- LIBANEO, José Carlos. Didática. 3.ª ed., São Paulo, Cortez, 1992.
- LOPES, Yuri P. S. & LOPES, Paulo B. Pantoja. O Perfil Social do Soldado PM. Monografia do CAO, Academia de Polícia Militar de Alagoas, 1993.
- MOURINO MOSQUERA, J. J. Psicologia Social do Ensino. Porto Alegre, Sulina, [1976].
- NÉRICI, Imídeo G. Metodologia do Ensino - Uma Introdução. 3.ª ed., São Paulo, Editora Atlas, 1989.
- NORMAS DE PLANEJAMENTO E CONDUITA DO ENSINO - 93/94. Polícia Militar do Estado de Goiás, 1994.
- PILETTI, Claudino. Didática Geral. São Paulo, Ática, 1986.

- SALOMON, Délcio Vieira. Como fazer uma monografia: elementos de pesquisa. 3.ª ed., Belo Horizonte, Interlivros, 1973.
- SANTANA, Ilza Martins & MENNEGOLA, Maxmiliano. Didática - Aprender a Ensinar. 2.ª ed., São Paulo, Edições Loyola, 1989.
- SANTAROSA, Lucila M. Costi. "Individualização do Ensino através de Módulos Instrucionais" in Revista de Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, Editora da Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, Ano XII, Nº 53, 38-49, jul./ago-1983.
- SELLTIZ, C. et alli. Métodos de pesquisa nas relações sociais. 2.ª ed., São Paulo, Herder, EDUSP, 1967.
- SEVERINO, Antonio J. Metodologia do Trabalho Científico. 14.ª ed., São Paulo, Cortez, 1986.
- TURRA, Clódia Maria Godoy et alli. Planejamento de Ensino e Avaliação. 11.ª ed., Porto Alegre, Sagra, 1991.

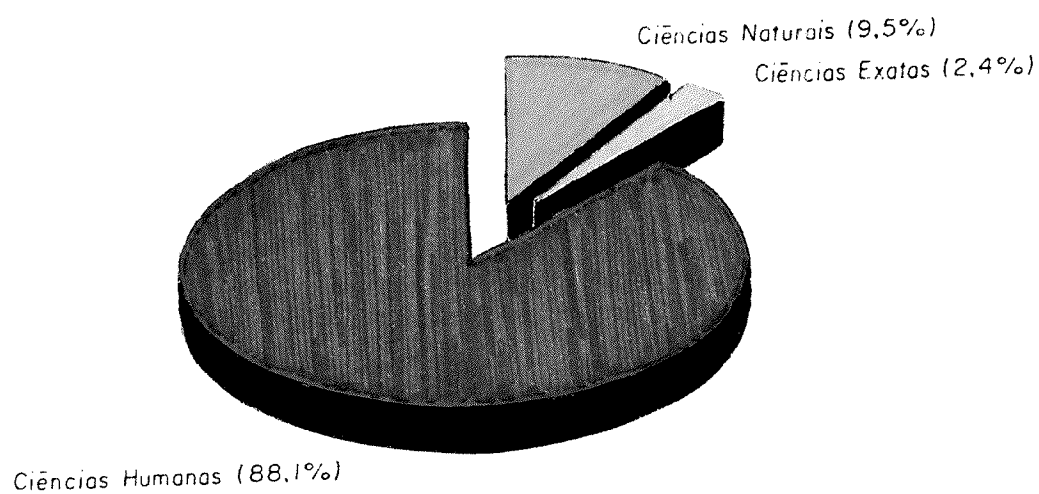
ANEXO A-1
IDADE DO PROF./INST. DA APM EM MAI/94



FONTE: Pesquisa de Campo

ANEXO A-2

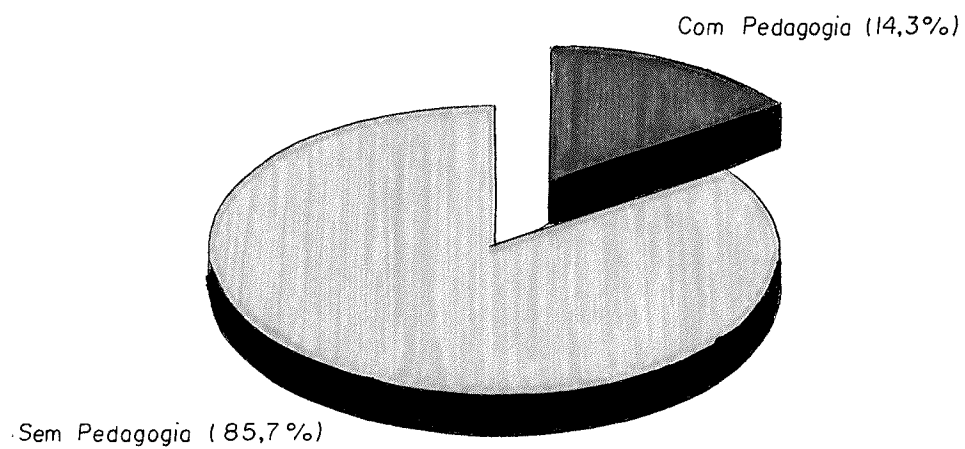
FORMAÇÃO DO PROF./INST. DA APM EM MAI/94



FONTE: Pesquisa de Campo

ANEXO A-3

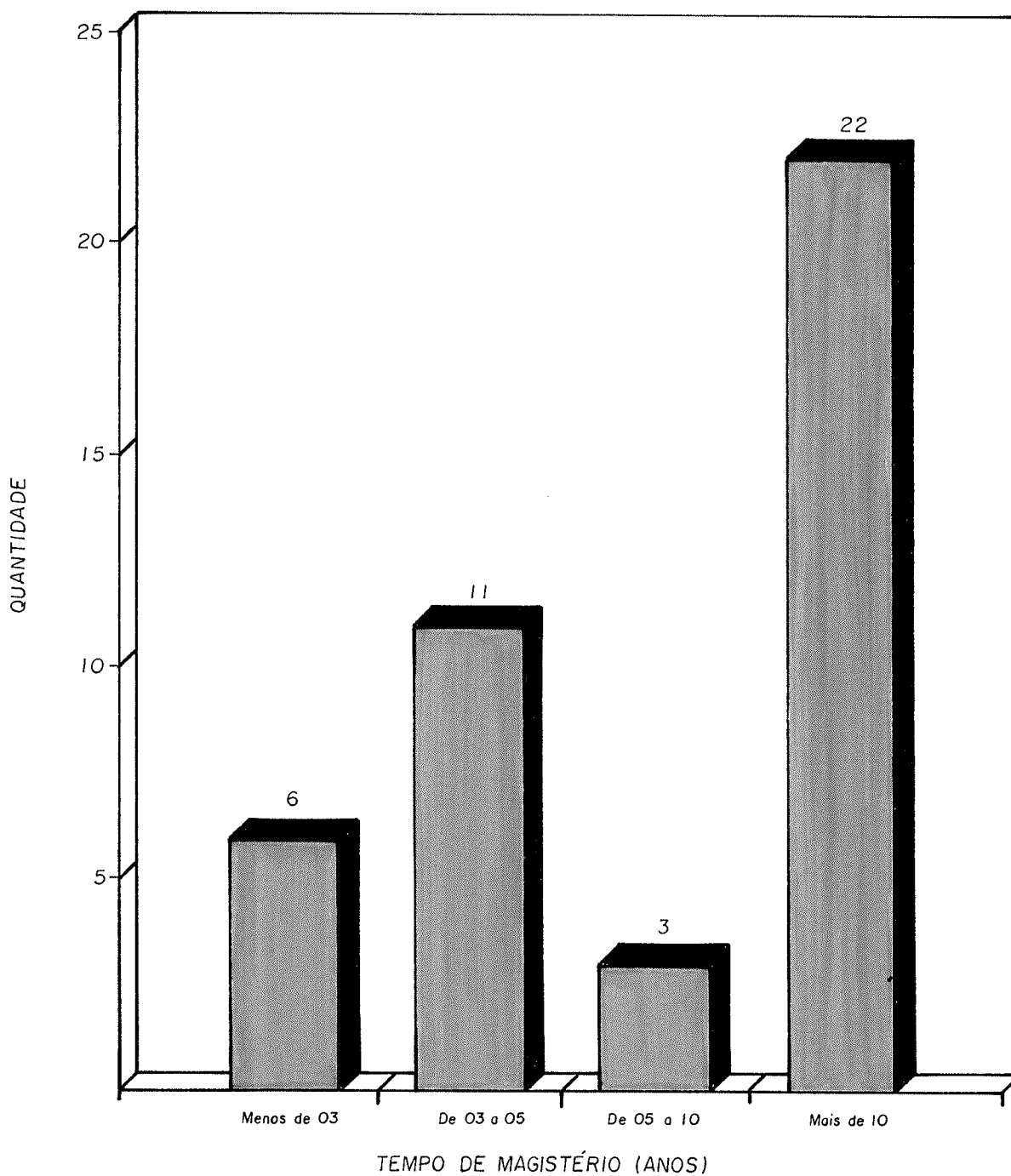
FORMAÇÃO DO PROF./INST. DA APM
EM RELAÇÃO À PEDAGOGIA EM MAI/94



FONTE: Pesquisa de Campo

ANEXO A-4

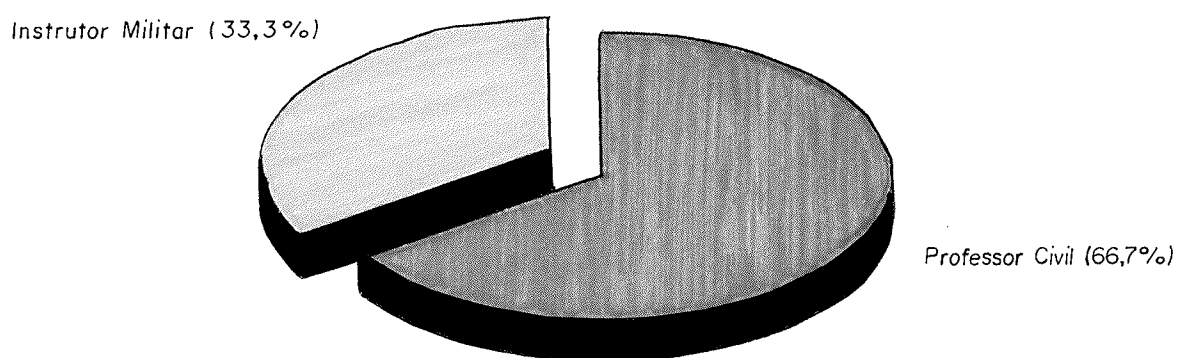
TEMPO DE MAGISTÉRIO DO PROF/INST. DA APM EM MAI/94



FONTE: Pesquisa de Campo

ANEXO A-5

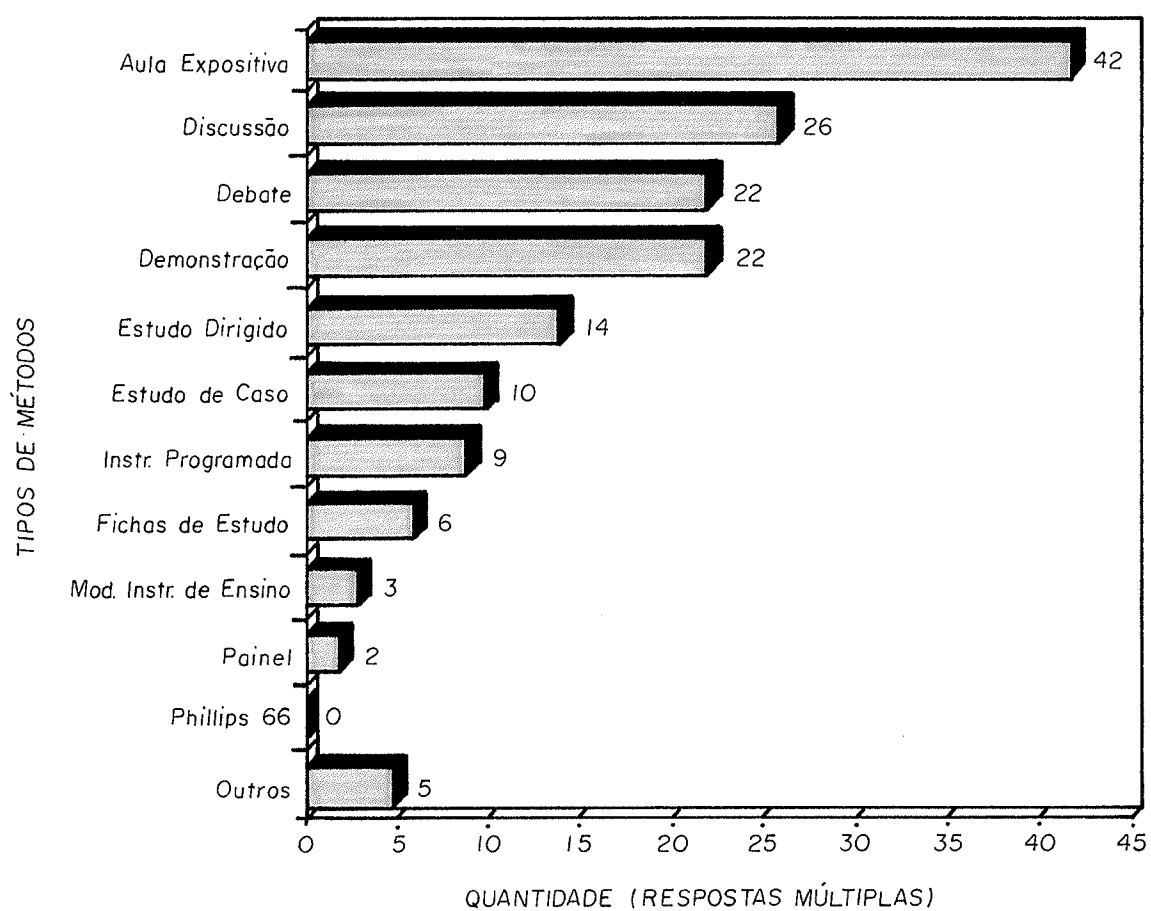
FUNÇÃO DO DOCENTE NA APM EM MAI/94



FONTE: Pesquisa de Campo

ANEXO A-6

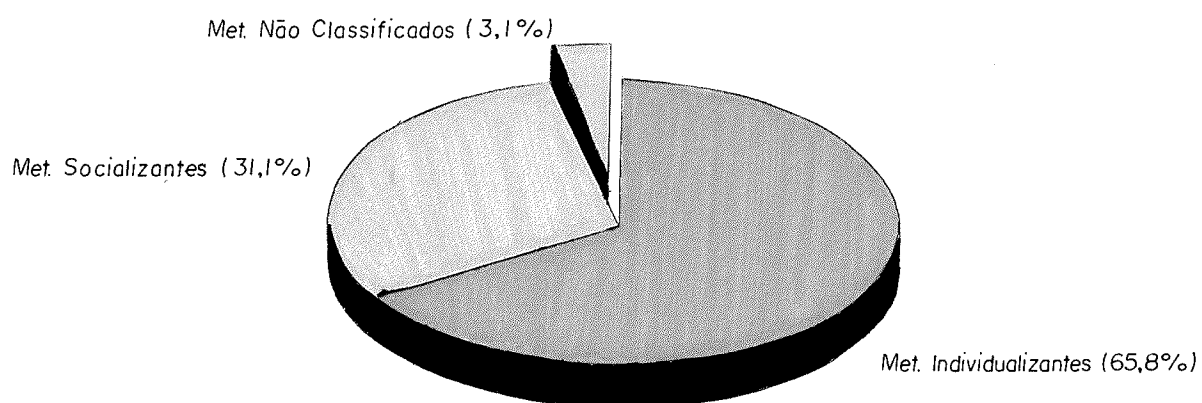
MÉTODOS USADOS PELOS PROF/INST DA APM
EM MAI/94



FONTE: Pesquisa de Campo

ANEXO A-7

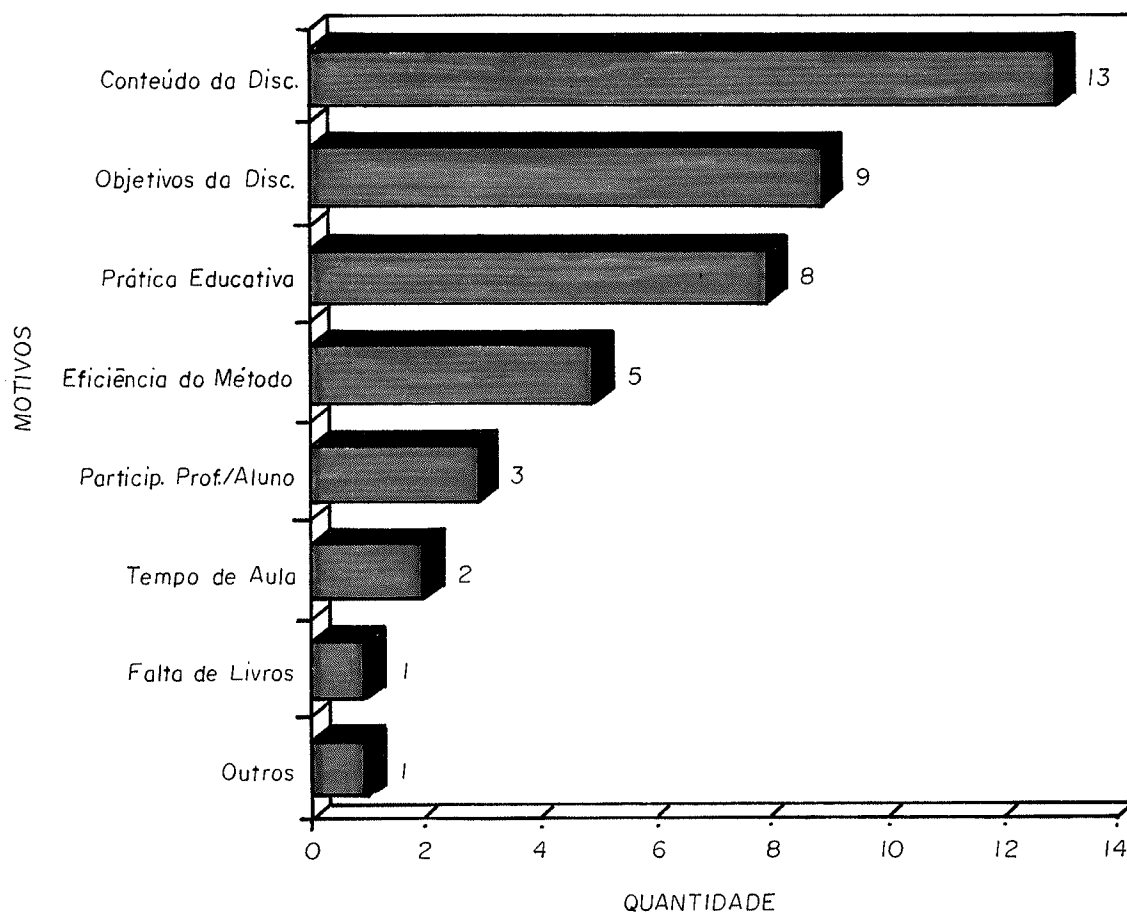
MÉTODOS USADOS PELOS PROF./INST. DA APM
CONFORME SUAS CLASSIFICAÇÕES
EM MAI/94



FONTE: Pesquisa de Campo

ANEXO A-8

MOTIVOS DE ESCOLHA DOS MÉTODOS DE ENSINO
PELOS PROF/INST. DA APM
EM MAI/94



FONTE: Pesquisa de Campo

ANEXO B

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIAS
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
CURSO DE TÉCNICA DE ENSINO

QUESTIONÁRIO

Este questionário é um instrumento de pesquisa que estamos realizando com vistas a um trabalho sobre **Métodos de Ensino**. É um trabalho eminentemente de cunho acadêmico, dentro do Curso de Técnica de Ensino, mas que poderá ter alguma validade para a Corporação, desde que possamos contar com sua colaboração, respondendo, com a máxima sinceridade, as questões.

Não é necessário assinar o questionário, mas é imprescindível que seja sincero. Obrigado.

1. IDADE

- () Menos de 21 anos
- () De 21 a 25 anos
- () De 26 a 30 anos
- () De 31 a 35 anos
- () Acima de 35 anos

2. Qual a sua formação ?

3. TEMPO DE MAGISTÉRIO

- () Menos de 03 anos
- () De 03 a 05 anos
- () De 06 a 10 anos
- () Mais de 10 anos

4. Quanto a sua função na APM

- () É professor civil
- () É instrutor militar

5. Nas suas aulas que são ministradas na APM, são utilizados os seguintes métodos de ensino:

- () Aula expositiva ou exposição oral
- () Debate
- () Discussão
- () Demonstração Estudo dirigido
- () Estudo de caso
- () Fichas de estudo
- () Módulo instrucional de ensino ou bloco instrucional de trabalho
- () Painel
- () Phillips 66
- () Outros: _____

6. O que leva V Sa a escolher os métodos utilizados em sala de aula ?

ANEXO C

GLOSSÁRIO DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APM	- Academia de Polícia Militar
CAO	- Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais
CFO	- Curso de Formação de Oficiais
CHOA	- Curso de Habilitação de Oficiais de Administração
Conf	- Conforme
Classific	- Classificação
CTE	- Curso de Técnica de Ensino
Disc	- Disciplina
Grad	- Graduação
Inst	- Instrutor(es)
Instruc	- Instrucional
MB	- Mega Byte
Met	- Método
Mod	- Módulo
MS-DOS	- Micro Soft - Disc Operacional System
Obs	- Observação(ões)
PM	- Polícia Militar
PMBA	- Polícia Militar da Bahia
Prof	- Professor(a)
SVGA	- Super Video Graphics Array